

*«Por supuesto, nunca lo dije; la niñez es tímida.  
Desde entonces me has dado tantas cosas y son  
tantos los años e los recuerdos. Padre (...) tu  
prisión valerosa, cuando tantos hombres  
callábamos (...) Madre, vos misma.»*

JORGE LUÍS BORGES

## PRÓLOGO

Nada garante que este prólogo tenha sido uma boa ideia. Não obstante, admiti que sim e arrisquei: talvez, a abrir, tivesse algum mérito deixar ao respeitável leitor as primeiras linhas da geometria do romance que agora se dá à estampa.

Tratando-se de apresentar uma obra antes de entrar nas histórias que nela se contam — como é da natureza dos prólogos —, pode ser que alguns vejam utilidade neste vestibular abeiramento. Não é, contudo, impossível que o considerem desnecessário, ou que o olhem como a antecâmara dos pequenos ardis usados no decurso da narrativa para surpreender o leitor. Hipótese não totalmente descartável é, ainda, que pensem dele outra coisa qualquer, como considerá-lo um comentário com objetivos abonatórios em trabalho do próprio, o qual, por isso, deveria ter sido deixado a terceiros. Em qualquer caso, nada a fazer: já está feito, e é como segue!

A trama urde-se em volta dos membros de três gerações da família Simões — cronologicamente: Rui, Miguel e Alice — e das pessoas a quem respetivamente se unem — Maria da Graça, Miriam e Carlos. Além deles, só o alferes miliciano Silva no capítulo «25 de Abril de 1974» e dona Genciana em «Luanda, 1975» serão protagonistas de primeira grandeza.

Cada um dos dez capítulos do livro está centrado em pessoas, locais ou factos autonomizados, como evidenciam os seus títulos.

Mas sendo um romance e não um conjunto de contos, é natural que as personagens, com centralidades distintas, caminhem e se cruzem ao longo das diversas partes. O narrador, por seu lado, tem pretensões a misturar-se com elas e muda frequentemente de voz. Voz que vai do pícaro ao profundo sofrimento, passando pelo circunspecto.

Como pedra de toque, o escrito rejeita tratar de epopeias mais ou menos coletivas ou simplesmente de grupo. Não que as negue, apenas não as trata. E mesmo quando pareça evocar-se uma certa ressonância de heroísmo, não vai além da discreta coragem com que cada um enfrenta o que a vida laconicamente lhe coloca à frente. Coragem que, ainda assim, é muita. Lutar apesar de tudo — do «tudo» que convida a capitular — é uma arte ancestral, mas não é fácil. Tomo de empréstimo o verso de Ruy Belo: «As grandes insubmissões sempre foram para mim as pequenas»\*.

Quererão alguns amigos saber se este romance é ou não autobiográfico, ou até que ponto o é — simples curiosidade! —, mas isso é o que menos importa. Daí não resulta maior ou menor merecimento do dito. Considerando, porém, que vivi, por dentro, as operações militares da madrugada e manhã do dia 25 de abril de 1974, bem como o período de descolonização de Angola (1974 e 1975), mentiria se negasse terem as partes mais gratas e as mais dolorosas dessas vivências sido trazidas para o livro: escreve-se em cima do que mais alegra e do que mais dói. A mesma adesão histórica aos factos encontra-se, aliás, aqui e ali, espalhada por outros episódios do livro. Livro que — concluo, pois — é parcialmente autobiográfico, e nada há de extraordinário nisso: qual é o que não é?

Já que a prosa entrou por este caminho, aduzirei, ainda, que o que não reproduz rigorosamente a verdade — ignorando agora o que seja «a verdade» aos diferentes olhos de quem a vê — reproduz a verosimilhança. No caminho dos acasos e no meio do seu

---

\* Em *Homem de Palavra(s)*, Editorial Presença.

livre-arbítrio, muita coisa foi, e o que não foi podia muito bem ter sido. E nem se peça à literatura — valha o que valer — toda a verossimilhança que não se exige à realidade.

Porque a morte tem pouco respeito pela vida, confesso também, sem arrependimento, que lhe fiz o mesmo. Fui simpático com os vivos em homenagem à sua tenacidade e ao seu lado solar, mas não escarafunchei nos lutos quando partiram.

Finalmente, acreditei que este livro ainda não estava escrito. Por isso, pus-me a escrevê-lo.

Lisboa, abril de 2022

AMÉRICO BRÁS CARLOS

## ÍNDICE

|                                   |     |
|-----------------------------------|-----|
| Prólogo.....                      | 11  |
| Maria da Graça e Rui Simões ..... | 15  |
| Miguel, filho de Rui .....        | 27  |
| 25 de Abril de 1974.....          | 31  |
| Uma carta para Elvira .....       | 39  |
| Norte de Angola, 1974 .....       | 49  |
| Luanda, 1975.....                 | 71  |
| Carlos e Alice.....               | 89  |
| Miriam e Miguel — 1 .....         | 103 |
| Miriam e Miguel — 2 .....         | 115 |
| Miriam e Miguel — 3 .....         | 129 |